

A ARMADILHA DE TUCÍDIDES: UMA RECEPÇÃO MODERNA DE UM CLÁSSICO ATENIENSE

Ricardo Neves dos Santos

Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9745-4292>

ricardonevesdossantos491@gmail.com

RESUMO

Os Estudos de Recepção têm se mostrado uma área que tem ganhado espaço dentro dos Estudos Clássicos desde os últimos decênios do século XX. O presente trabalho objetiva analisar uma retomada do texto clássico de Tucídides em pleno século XXI, empreendida pelo professor de Harvard Graham Allison, em seu livro *A caminho da guerra: os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?* [2017](2020). O uso do passado, mesmo que pelo viés historiográfico, é também uma espécie de recepção. Allison foi diretor da agência americana CIA (*Central Intelligence Agency*) e estudante de língua e literatura grega. Como, então, se situaria o pensamento de Graham Allison no uso que faz da obra de Tucídides? Qual tipo de recepção do texto clássico ele empreende em sua obra? São questões sobre as quais se debruça o presente artigo.

Palavras-chave: Tucídides, historiografia antiga, recepção.

ABSTRACT

Reception Studies have proven to be a steadily growing field within Classical Studies since the last decades of the 20th century. This paper aims to analyze a reinterpretation of the classical text by Thucydides in the midst of the 21st century, undertaken by Harvard professor Graham Allison in his book *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?* [2017] (2020). The use of the past, even from a historiographical perspective, is also a form of reception. Allison, a former director of the American CIA (*Central Intelligence Agency*) and a student of Greek language and literature, brings his own perspective to bear on Thucydides's work. How, then, does Graham Allison's thinking position itself in his use of Thucydides's work? What kind of reception of the classical text does he undertake in his work? These are the questions addressed in this article.

Keywords: Thucydides, ancient historiography, reception.

INTRODUÇÃO

A área de Recepção dos Clássicos Greco-latinos concentra-se nos modos como as obras da Antiguidade são recebidas em períodos subsequentes, com

o propósito de estudar aspectos em que as fontes clássicas são alteradas, supervalorizadas, marginalizadas ou negligenciadas, pois cada vez que um texto clássico é lido, ele está sendo recebido e interpretado de uma nova maneira (BAKOGIANNI, 2016, p.115-116). Os Estudos de Recepção têm se mostrado uma área em constante ascensão desde os últimos decênios do século XX, tendo-se originado das teorias da Estética da Recepção, especialmente a partir do trabalho de estudiosos como Hans Robert Jauss (1982), Wolfgang Iser (1978) e Hans Georg Gadamer (1960, e a 2ª ed. de 1965).

A crítica da Estética da Recepção concentra-se no protagonismo desempenhado pelo leitor na formulação de significados. Cada leitor ‘recebe’ um texto de maneira única, dependendo de sua educação, experiências de vida e interesses pessoais (BAKOGIANNI, 2016, p.115). Diante disso, a Recepção dos Clássicos, um importante segmento dos Estudos de Recepção, vem demonstrando que as semelhanças e diferenças entre o antigo e o moderno, e a percepção do equilíbrio instável entre essas mesmas semelhanças e diferenças, desarmam posições grosseiramente polarizadas, como a de que os textos clássicos tratam somente de aspectos universais e imutáveis da natureza humana, ou de que esses textos são tão remotos e estranhos que não teriam nenhum valor para a experiência pós-clássica (HARDWICK, 2003, p.11; TATUM, 2014, p.91), e a monumental obra do séc. V a.C. *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, não escapa a essa dinâmica.

O presente artigo objetiva analisar uma retomada do texto clássico de Tucídides em pleno século XXI, empreendida pelo professor Graham Allison, de Harvard, em seu livro *A caminho da guerra: os Estados Unidos e a China conseguirão escapar da Armadilha de Tucídides?* (2020). Allison foi estudante de Língua e Literatura Grega, diretor da agência americana CIA (*Central Intelligence Agency*)¹ em 2011, figura eminente no Pentágono (*U.S. Department of Defense*)² e Reitor da Harvard Kennedy School.

No capítulo “Atenas vs. Esparta” (p.49-63) Allison relata que, no seu tempo de graduação em Ciências Políticas em Harvard, ele tomou a decisão de se matricular em um curso de grego antigo. A maior parte do programa do primeiro ano, segundo ele, consistia em aprender o alfabeto grego, vocabulário, estrutura das frases e a gramática da língua grega. Porém, em um dado momento do curso, seu professor prometera que se estudassem com

¹ A CIA é uma agência do governo dos EUA que fornece informações de inteligência sobre países estrangeiros e questões globais para o presidente, ao Conselho de Segurança Nacional dos EUA e outros formuladores de políticas a fim de ajudá-los a tomar decisões de segurança nacional.

² O Departamento de Defesa é a maior agência governamental dos Estados Unidos. Segundo o site do departamento, sua missão é fornecer as forças militares necessárias para deter a guerra e garantir a segurança da nação.

afinco, ao final do segundo semestre os alunos da turma já estariam lendo a *Anábasis*, de Xenofonte. Além disso, conta Graham Allison, seu professor de grego ofereceu um prêmio extra para os melhores alunos do segundo ano: ler Tucídides. Embora gostasse de Heródoto, seu professor insistia que Tucídides havia sido o primeiro a se concentrar exclusivamente em capturar a “história como ela realmente aconteceu” (ALLISON, 2020, p.50). O relato de Tucídides, segundo aquele classicista, combinava um olhar jornalístico para o detalhe, a busca do pesquisador pela verdade entre relatos opostos e a capacidade de identificar a raiz das causas por trás de eventos quase sempre complexos. Como lhe explicou o professor: “Tucídides também foi o pioneiro do que hoje chamamos de *Realpolitik*, ou realismo nas relações internacionais. Como aluno calouro de política mundial, fiquei ainda mais determinado a conquistar o prêmio de Laban – o que, no fim, consegui” (ALLISON, 2020, p.50).

Allison atualmente lidera o Projeto “A armadilha de Tucídides”, em Harvard, que defende a tese de que Tucídides identificou um padrão perigoso que tende a se repetir ao longo da história, a saber: o enorme estresse estrutural causado quando uma potência em ascensão ameaça derrubar a dominante. Em condições assim, afirma Graham Allison, além de eventos extraordinários e inesperados, bastariam apenas situações comuns de desavenças em assuntos externos para servirem como um gatilho para deflagrar um conflito violento em larga escala (*ibidem*, p.51). Os contornos básicos da dinâmica percebida por Tucídides estariam evidenciados por aquilo que Graham Allison chama de *síndrome da potência em ascensão* e a *síndrome da potência dominante*:

A primeira síndrome destaca a autoimagem inflada do Estado em ascensão, seus interesses e seu direito ao reconhecimento e respeito. A segunda é essencialmente a imagem espelhada da primeira, a potência estabelecida manifestando uma sensação ampliada de medo e insegurança ao enfrentar os indícios do “declínio”. [...] Compreensivelmente, a potência estabelecida vê a assertividade da nação postulante como sinal de desrespeito, ingratidão e até uma provocação ou perigo. Em grego, a percepção exagerada da própria importância se chama *hubris*, e o medo irracional, *paranoia*. (ALLISON, 2020, p.67).

Apesar das dificuldades expressadas por Tucídides acerca dos desafios que enfrentou para registrar os fatos da guerra (Th.1.20-22), nota-se ao longo do livro *A Caminho da Guerra* que Graham Allison considera o relato de Tucídides fidedigno, a ponto de ser útil ainda hoje. Tal visão, pelo menos num primeiro momento, lembra aquilo que Charles Martindale (2013, p.171) classifica como *historicismo*, isto é, o entendimento de que é possível ter acesso à verdade dos fatos por meio de documentos e fontes históricas. O *historicismo*, ainda segundo Martindale, estaria dentro de uma categoria ainda maior: o *objetivismo*, que seria o entendimento de que aspectos constantes da

realidade poderiam ser descritos de forma fidedigna por meio da linguagem. A esta corrente Martindale contrapõe o que ele chama de *presentismo*, ou, *relativismo*, que conduziria à ideia de que tudo está adaptado ao que se pensa no presente e de que a linguagem não seria capaz de reproduzir uma realidade objetiva, pois o sentido não é algo estático, mas um construto social que se transforma ao longo do tempo.

Ora, o uso do passado, mesmo pelo viés historiográfico, é também uma espécie de recepção (SILVA et al., 2020). Como, então, se situaria o pensamento de Graham Allison no uso que faz da obra de Tucídides? Ele poderia ser apenas classificado como “historicista”? São questões sobre as quais nos debruçaremos a seguir.

A HISTÓRIA NÃO SE REPETE, MAS RIMA

No ensaio *Le regole del gioco nello studio della storia antica* (1980), Arnaldo Momigliano expõe suas visões sobre aquilo que seria o *ethos* do historiador, bem como sobre o método historiográfico e suas aplicações no estudo da história antiga. Nesse ensaio, Momigliano está interessado em detalhar a ligação entre documentos antigos e a história de suas interpretações em milênios posteriores. Momigliano não usa a palavra “recepção” nesse ensaio, mas o que ele faz também parece ser uma reflexão sobre o tema. Fontes antigas, ele adverte, não capturam realidades de forma transparente ou completa, mas são documentos mediados cujo valor histórico depende, dentro de certos limites, das questões analíticas do historiador, influenciadas, inevitavelmente, por diferentes compromissos ideológicos. Por esta razão o ensaio contém o lembrete salutar de que o historiador não apenas deve prestar atenção aos documentos sobreviventes, mas também aos silêncios e às lacunas nas evidências. Se não conhecermos as fontes antigas, as opiniões que podemos formar dos estudos modernos acerca de literatura antiga são, na melhor das hipóteses, nebulosas, e, na pior das hipóteses (e com mais frequência), afirma Momigliano, provas de uma arrogante ignorância (1980, p.15).

Levando-se isso em conta, parece que Graham Allison tem algo a seu favor. Como visto, ele estudou o grego ático e leu Tucídides no original, além de expressar claramente em seu livro que a área de história aplicada, na qual ele se insere, é tão dependente da historiografia tradicional quanto a engenharia depende da física (ALLISON, 2020, p.254-255). Momigliano também entende que as questões epistemológicas sobre a natureza, a validade e os limites do nosso conhecimento objetivo da realidade têm apenas uma importância indireta para a análise histórica. O historiador trabalha partindo do pressuposto de que é possível reconstruir e compreender os fatos do passado. Se um estudioso em epistemologia conseguir convencê-lo do

contrário, o historiador terá de assumir alguma outra linha de trabalho. Se esse especialista lhe mostra limites intransponíveis ao seu conhecimento – como, por exemplo, que é impossível conhecer as intenções dos outros ou que só podemos chegar ao provável – então o historiador certamente deve prestar atenção, mas apenas para definir os limites de sua pesquisa de forma ainda mais rigorosa (MOMIGLIANO, 1980, p.15-16). Nesse sentido, as dificuldades que Tucídides enfrentou para averiguar os fatos da guerra dariam ensejo para ele definir com mais clareza os limites do seu empreendimento. Tucídides escreve:

Quanto aos fatos da guerra, considerei meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória. (Th.1.22)³

O campo específico de atuação do historiador é estabelecido pela existência de documentos e informações sobre o passado que devem ser interpretados e comparados para conhecer e entender o que aconteceu. Tucídides se valeu do que ele próprio viu durante a guerra, bem como dos relatos de outras pessoas que dela participaram (Th.1.22). Quando se referia a tempos mais remotos, suas deduções partiam da observação de construções, como túmulos, e artefatos (Th.1.9), e relatos de poetas, como Homero, fazendo, todavia, ressalvas (Th.1.10). Os problemas específicos do historiador são definidos pela relação entre a natureza das fontes e o que ele quer saber. Ainda para Arnaldo Momigliano, o historiador, como todos nós, mortais, está

³ A tradução que iremos utilizar ao longo de nossa análise é a de Mário da Gama Kury, a única tradução brasileira da obra completa de Tucídides. Voltada a um público mais amplo e com inegáveis qualidades no que tange à divulgação da Literatura Clássica em nosso país, tal tradução apresenta algumas soluções problemáticas. Na introdução de seu trabalho, Mario da Gama Kury informa que tentou reproduzir o estilo de Tucídides em sua tradução. Uma de suas estratégias foi transliterar os nomes de alguns personagens ao “modo grego”. Acreditamos que tal escolha não foi uma boa solução, tendo em vista que o estilo tucididiano não repousa nos nomes próprios, mas, como o próprio Mario da Gama Kury afirma na introdução: “Há certas facetas do estilo de nosso autor que procuramos conservar na tradução: uma é a repetição a intervalos curtos da mesma palavra, quando ele quer dar ênfase a uma ideia ou procura evitar ambiguidades; outra é o uso reiterado de afirmações sob a forma negativa (por exemplo, em vez de dizer que algo é grande, usa a expressão “nada tinha de pequeno”, ou “não era pequeno”), e assim por diante; finalmente, o uso, e às vezes até o abuso, de antíteses, de assonâncias e de outros recursos estilísticos muito ao gosto dos sofistas de sua época, sobretudo de Górgias” (Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 1982, p.16)

sujeito a cometer erros e isso pode ser demonstrado (MOMIGLIANO, 1980, p.15-16). O perigo estaria numa história que se colocasse como incontestável ou absoluta, ou numa ideia inversa, mas igualmente perigosa, de que seria impossível aos seres humanos perceberem e reproduzirem em linguagem algo verdadeiro da realidade, postura que não contribuiria para que a ciência avançasse e endossaria o negacionismo. A própria ideia de *Fake News* não passaria de uma falácia, pois se não existisse o verdadeiramente real, também não existiria a mentira.

Como já mencionado, Graham Allison entende que o relato de Tucídides é confiável, a ponto de ver nele um padrão que se repete ao longo da história. Allison identificou dezesseis casos em um recorte temporal de quinhentos anos nos quais uma potência em ascensão desafiou o poder de uma potência estabelecida. Doze dessas dezesseis rivalidades resultaram em guerra. Depois que esses resultados foram publicados na *Atlantic*, em setembro de 2015⁴, as conclusões de Graham Allison passaram a ser alvo de algumas críticas, parte das quais ele respondeu de forma bastante lacônica em seu livro:

Banco de dados insuficiente: *O Dossiê da Armadilha de Tucídides oferece muito poucos dados para sustentar afirmações sobre leis ou regulamentos, ou para ser utilizado por cientistas sociais interessados em fazê-lo.*

Concordo. O propósito desta investigação é explorar um fenômeno – não propor leis absolutas ou criar um banco de dados para os estatísticos.

Mas e quanto a...: *Os eventos e questões levantados no Dossiê são “mais complicados que isso”.*

Claro, eles sempre são.

Originalidade: *O conceito da Armadilha de Tucídides não é original.*

O fato de ser chamada de Armadilha de Tucídides deveria sugerir que concordamos. Como observado no website⁵, ao longo dos séculos desde que Tucídides completou sua obra, outros estudiosos também contribuíram para nosso entendimento dos desafios hegemônicos. (ALLISON, 2020, p.328, grifos do autor)

Os comentários de Allison, embora lacônicos, parecem demonstrar que ele tem a consciência de que a realidade é complexa e desafiadora e que a história não daria conta de abarcá-la completamente. Diante dessa mesma complexidade, Momigliano afirma que o que distingue o romancista do historiador é que o primeiro é livre para inventar fatos, mesmo que possa combiná-los com fatos reais, como no caso de uma novela histórica. O historiador não inventa fatos, pelo menos não deveria inventar. O ofício do historiador consiste em coletar e interpretar documentos para reconstruir e

⁴ <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/09/united-states-china-war-thucydides-trap/406756/>

⁵ <http://www.belfercenter.org/thucydides-trap/case-file>

compreender acontecimentos do passado. Não pode haver história onde não há documentos (MOMIGLIANO, 1980, p.17).

Apesar de Allison reconhecer a grande complexidade dos fenômenos humanos e sociais, em muitas passagens de sua obra, porém, ele faz quase que uma profissão de fé acerca da importância da história, como no seguinte trecho:

Tenho lecionado em Harvard por cinco décadas, vi chegar e partir milhares de alunos e professores brilhantes. Centenas dos que pareciam destinados à grandeza se revelaram uma decepção, mas outras tantas centenas com menos vantagens decolaram. [...] Como deveríamos entender esses resultados? Grandes dramaturgos gregos, como Sófocles, cujas tragédias dominaram o panorama literário da Grécia Antiga, achavam que o responsável por isso era o destino. Em seus dramas, os deuses determinaram que Édipo mataria o pai e se casaria com a mãe. Não havia escapatória do papel predeterminado. Mas Tucídides discordava. Sua noção dos assuntos humanos era diferente. Na verdade, ele definiu uma nova disciplina da história, na qual os homens, não os deuses, eram os atores principais. O destino podia dar as cartas, mas eram os homens quem as jogavam. (ALLISON, 2010, p.270)

Um possível contraponto à confiança demonstrada por Allison em Tucídides, ou pelo menos um alerta sobre os perigos dela, poderia ser encontrado em Francisco Murari Pires, em seu artigo “A retórica do método” (1998, p.9-16), no qual chama a atenção para o fato de que Tucídides, nos seus famosos parágrafos metodológicos (Th.1.20-22), se por um lado informa as dificuldades que teve para “filtrar” os relatos conflitantes ou distorcidos a que teve acesso, bem como seu esforço para transmitir a realidade dos fatos o mais acuradamente possível; por outro, se mantém em estranho silêncio sobre qual teria sido o método empregado para “filtrar” suas fontes; diferentemente de Heródoto, que expõe os relatos conflitantes deixando o leitor decidir qual seria o mais verídico, embora muitas vezes ele mesmo expresse sua opinião frente a esses mesmos relatos (PIRES, 1998, p.11-12). Diante do silêncio tucididiano, Francisco Murari Pires afirma que há uma tendência dos leitores de Tucídides a “imaginá-lo em zelosa e persistente busca a colher os relatos divergentes, de ambos os lados, para confrontá-los visando a alcançar sua veracidade factual unitária” (*ibidem*, p.12); mas aventa a possibilidade pouco notada de que as dificuldades que Tucídides expressou, e o silêncio acerca de como teria resolvido tais dificuldades, funcionariam mais como um recurso retórico de *captatio benevolentiae* (*ibidem*, p.14), e continua:

o modo discursivo porque o historiador reconhece, e consagra na memória histórica, a perícia retórica de Péricles, proclama, pela sutil inteligência de um mesmo belo silenciamento de si mesmo, antes a sua própria, pessoal, arte retórica, deste sujeito historiante da guerra cujo nome chancela o texto desde sua abertura: Tucídides de Atenas! [...] Examinada então esta problemática no âmbito da convencionalmente intitulada seção metodológica da obra tucididiana, dada sua intrínseca conformação retórica ordenadora, a questão dos procedimentos analíticos de objetivação dos

relatos na reconstituição das ações praticadas na guerra, não tenha, nem seja para ter, solução, quer apenas não declarada, quer nem mesmo determinada, ou, quem sabe, sequer almejada. (PIRES, 1998, p.15)

Tal possibilidade interpretativa apresentada por Francisco Murari Pires se mostra cética em relação à validade histórica do relato de Tucídides, pelo menos no que se refere aos seus parágrafos metodológicos. Segundo essa proposta, quando Tucídides expressa as dificuldades que enfrentou em sua pesquisa, na verdade estava apenas usando um recurso retórico. No entanto, há quem pense que a existência de recursos retóricos em um relato histórico não o invalida necessariamente como fidedigno, principalmente quando o objeto de estudo é um relato historiográfico antigo.

A dimensão narrativa é um importante ponto de intersecção entre história e ficção. Segundo o filósofo francês Paul Ricœur (1983, p.154), só a historiografia pode reivindicar uma referência que se inscreve no empírico, na medida em que a intencionalidade histórica se dirige a fatos que realmente aconteceram. A posição de Ricœur, pelo menos nesse sentido, é muito semelhante à de Momigliano (1980). Mesmo que o passado já não exista e se, valendo-se de uma expressão de Santo Agostinho (*Confissões*, 11.15), ele só pode ser alcançado no presente do passado, ou seja, através dos vestígios do passado, que se tornaram documentos para o historiador, permanece o fato de que o passado aconteceu. O acontecimento passado, por mais ausente que esteja à percepção presente, governa a intencionalidade histórica, dando-lhe uma nota factual que nenhuma literatura jamais igualará, mesmo que pretenda ser “realista” (SOARES, 2014).

Diante disso, Martinho Tomé Martins Soares (2011, p.2) afirma que historiadores gregos como Heródoto e Tucídides compensavam as limitações técnicas de registro por meio do hábito de conferir assertividade e autoridade às suas narrativas históricas insuflando-lhes vividez pictórica, de modo a gerar impacto emocional e visual na mente dos leitores. Esse processo era frequentemente designado pelo termo *enargeia* (vividez), fundamental na composição da *ekphrasis* (descrição). Soares ainda afirma que um historiador, no sentido grego do termo (*histor*), era aquele que via e fazia ver. E, de fato, “fazer ver era, na verdade, a qualidade mais importante do *histor* na Grécia antiga. Mais do que ter visto, o *histor* devia fazer ver” (*ibidem*, 2011, p.5). Essa concepção antiga de historiador não foi abandonada de todo, pois, como já mencionado, mesmo a historiografia moderna possui uma dimensão narrativa inalienável, tendo um potencial descritivo que torna os acontecimentos do passado “visíveis” aos leitores (*ibidem*, p.19).

Mesmo que Tucídides tenha se valido de recursos retóricos ao longo de seu relato, ele deixa claro que não era o propósito principal de sua História evidenciá-los: ela não foi moldada com o fim principal de agradar e entreter.

Pelo contrário, destina-se a ser uma “posse eterna” *Ktema es aiei* (Th.1.22). Dessa sorte, sua história poderia ser considerada bastante útil (*ophelima*) porque permite àqueles que desejam perceber precisamente o que aconteceu e, assim, compreender o passado, lidar melhor com “os eventos deste tipo e semelhantes” (*toiauta kai paraplesia*) que poderiam ser esperados no futuro:

Pode acontecer que a ausência do fabuloso em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido, mas quem quer que deseje ter uma ideia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano, julgará a minha história útil e isto me bastará. Na verdade, ela foi feita para ser um patrimônio sempre útil, e não uma composição a ser ouvida apenas no momento da competição por algum prêmio. (Th.1.22)

O conhecimento do passado melhoraria, assim, a capacidade de uma pessoa lidar com o futuro porque fenômenos semelhantes tendem a se repetir. A história, portanto, não se repete precisamente (em eventos idênticos), mas em padrões (eventos semelhantes). Nesse sentido, a história (conhecimento do passado) é útil e, por isso, é uma posse eterna: sua utilidade não se limita a um tempo, lugar ou contexto específico, mas é universal (RAAFLAUB, 2013, p.4-5).

O elemento que Tucídides mais enfatiza como básico na passagem que postula o valor da história como *ktema es aiei* é o *anthropinon*, isto é, a natureza humana ou a condição humana. Se Tucídides o toma como garantia de perenidade de seu relato é porque ele considerava esse elemento idêntico ou estável ao longo do tempo, e isso, evidentemente, está sujeito a muitas controvérsias, pelo menos atualmente.

Tucídides, então, teria coletado, categorizado e analisado o comportamento humano em certas condições, ou reações humanas a certos desafios, e poderia, assim, antecipá-los. É isso que, talvez, segundo Tucídides, impregnaria a história de certa qualidade preditiva e potencial didático (*ibidem*, p.6), e tal ideia é claramente endossada por Graham Allison, quando diz: “A arte de governar tem mais a ver com caminhar de acordo com a história do que com produzi-la. O sucesso de um líder em traçar o arco do possível depende da clareza com que delinea as linhas subjacentes de tendências” (ALLISON, 2020, p.252).

Basil Henry Liddell Hart, antigo conselheiro militar do Gabinete Inglês, entende que as emoções humanas são universais e pouco variáveis em sua essência:

A História é experiência universal. Experiência não de um, porém de muitos em condições as mais diversas. [...] Na esfera física o único fator que se pode considerar constante é que os meios e as condições são invariavelmente inconstantes. Em contraste, a reação da natureza humana ao perigo varia muito pouco. Alguns

homens, por hereditariedade, devido ao ambiente ou ao treinamento, podem ser menos sensíveis do que outros, porém a diferença é somente de grau e não é fundamental. [...] Quanto mais ampla for a pesquisa tanto melhor será a base para se fazerem deduções. A predominância do psiquismo sobre o físico e sua maior constância levam à conclusão de que a base de qualquer teoria de guerra deve ser a mais ampla possível. (LIDDEL HART, 1982, p.26-27)

Autores da área da psicologia e biologia como Konrad Lorenz (1973) e Paul Ekman (2011) concordam que se hoje podemos falar de comportamento emocional universal é graças às propostas pioneiras publicadas por Charles Darwin no livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* [1872] (2009). Darwin argumenta no sentido de que as emoções são essenciais para a sobrevivência dos seres humanos e para a vida em sociedade, embora reconheça que em certas circunstâncias elas podem ser perigosas. Nesse sentido, Darwin afirma (2009, p.311):

As expressões por si mesmas, ou a linguagem das emoções, como por vezes são chamadas, certamente têm importância para o bem-estar da humanidade. Entender, na medida do possível, a fonte ou origem das várias expressões que a todo momento podem ser vistas nos rostos dos homens à nossa volta, sem mencionar nossos animais domesticados, deveria ter um enorme interesse para nós.

Mas quais as evidências que Darwin procura apresentar para justificar a tese da universalidade das emoções?

Em sua investigação, o naturalista inglês percebeu o curioso fato de que crianças nascidas cegas, apesar da impossibilidade de ver uma face humana, expressam alegria, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa em suas próprias faces assim como todos os outros seres humanos, o que testemunha em favor da universalidade destas emoções e sua expressão (DARWIN, 2009, p.298). Darwin ainda contou com o apoio de vários missionários e outros viajantes espalhados por diferentes lugares do mundo, vivendo entre povos com pouquíssimo contato com as nações europeias. Esses colaboradores lhe descreviam as expressões emocionais das pessoas que viviam nessas comunidades isoladas. Darwin declara diante dos resultados obtidos:

Conclui-se, a partir das informações assim adquiridas, que um mesmo estado de espírito exprime-se ao redor do mundo com impressionante uniformidade; e este fato é ele mesmo interessante como evidência da grande similaridade da estrutura corporal e da conformação mental de todas as raças humanas. (DARWIN, 2009, p.23)

Os argumentos apresentados por Darwin sobre a universalidade de algumas emoções básicas⁶ parecem plausíveis. Será que Tucídides também estaria se referindo às emoções quando destacou o elemento *anthropinon* como base para a perenidade de seu relato? Se a resposta for afirmativa, diante dos resultados alcançados por Darwin, conclui-se que Tucídides foi muito perspicaz ao fazer tal apontamento. Foster (2010, p.44-46) argumenta como as emoções têm um papel importante nos eventos narrados por Tucídides. Diante disso, a confiança que Graham Allison deposita em Tucídides não parece ser uma coisa estapafúrdia. Não parece ser uma simplória superstição.

FAZENDO O PAPEL DE UM CORÍNTIO

Tucídides reportou um discurso que os coríntios teriam feito aos espartanos, antes que a guerra entre Atenas e Esparta fosse declarada (Th.1.68-71). Esse discurso é famoso pelos retratos que os coríntios fazem de Atenas e Esparta, contrastando os perfis dessas duas potências (ORWIN, 1986, p.82): Atenas é uma cidade em movimento perpétuo; Esparta, por sua vez, deseja apenas permanecer em repouso. Ao contrário dos espartanos, amantes do lar e da quietude, os atenienses se envolvem em um turbilhão de atividades, são cheios de ousadia, desenvoltura e esperança. Eles são rápidos para se recuperar de reveses e lentos para recuar deles. São competidores em todo tempo, e estão sempre com fome. E assim passam todos os dias de suas vidas em labutas e perigos de toda sorte, desfrutando muito menos do que os outros do que já é seu, pois são obcecados em acrescentar cada vez mais bens aos seus recursos. Os coríntios ainda descrevem os atenienses como pessoas que consideravam a labuta incessante como uma desgraça menor do que a estagnação de uma vida tranquila. Em suma, os coríntios protestam aos espartanos que os atenienses não nasceram nem para descansar, nem para deixar os outros ficarem tranquilos (Th.1.70).

Esparta, por sua vez, argumentam os coríntios, busca preservar o *status quo* e não concebe novos planos. Quando atua, não vai longe o suficiente. Os espartanos não exploram toda a extensão de seu poder ou planos, nem sequer têm confiança em coisas que são certas. Os espartanos são procrastinadores crônicos e relutantes em deixar seu próprio território. Enquanto os atenienses

⁶ Ekman, Sorenson e Friesen (1969), baseando-se nos estudos de Darwin, procuraram aprofundar-se no tema da universalidade das emoções valendo-se dos recursos técnicos e metodológicos não disponíveis no tempo de Darwin. Demonstraram que pelo menos seis emoções – denominadas básicas – são universais por serem expressas e reconhecidas de maneira similar nas diferentes culturas. As emoções básicas são: alegria, tristeza, raiva, nojo, medo e surpresa. É considerada a principal taxonomia das emoções, embora o próprio Ekman tenha incluído outras posteriormente nesse rol (SANTOS, 2023).

estão ansiosos por novas oportunidades, os espartanos temem que novos empreendimentos coloquem em risco o que já possuem (Th.70).

Graham Allison faz algo semelhante ao discurso dos coríntios em seu livro. Mas as duas nações caracterizadas desta vez são os Estados Unidos e a China. Em rápidas pinceladas, EUA é a potência estabelecida, manifestando uma sensação ampliada de medo e insegurança ao enfrentar os indícios do declínio frente à potência que atualmente está em vertiginosa ascensão: a China. Segundo Allison, a *armadilha de Tucídides* está armada entre esses dois países, e se questiona se essas duas potências conseguiriam evitar um conflito armado que envolvesse toda a humanidade numa espécie de “espiral do mal”. Ao traçar o perfil da China, Allison acaba mencionando os chamados “agentes adormecidos”:

Indivíduos com quem a CIA firmava uma relação, mas cujas missões consistiam essencialmente em viver e prosperar em um país estrangeiro de modo a desenvolver uma compreensão plena de sua cultura, povo e governo. Com o compromisso de ajudar em suas carreiras de forma invisível, a CIA só pedia a esses indivíduos que, ao serem chamados – discretamente, talvez apenas uma ou duas vezes em uma década –, fornecessem suas impressões francas sobre o que acontecia no país e o que poderia vir a acontecer no futuro. (ALLISON, 2020, p.24)

Os “agentes adormecidos” estariam espalhados por diversos países do globo, e é claro que não faltariam alguns deles na China. Segundo Allison, a CIA teve acesso a um relatório sobre a grande potência asiática feito por alguém cujo entendimento incisivo e perspicaz poderia fomentar uma reação de Washington àquilo que ele considera ser o maior desafio geopolítico de nosso tempo. Allison ainda afirma que esse indivíduo havia superado todas as expectativas. Ele havia testemunhado de perto as convulsões chinesas, do Grande Salto adiante e da Revolução Cultural da década de 1960 à guinada para o capitalismo de Deng Xiaoping, além de ter estabelecido estreitas relações de trabalho com inúmeras pessoas que governaram a China, incluindo o então presidente chinês Xi Jinping. Eis algumas perguntas presentes no relatório:

Os atuais líderes chineses levam a sério a ideia de substituir os Estados Unidos como potência de maior influência na Ásia em um futuro próximo?
Qual é a estratégia da China para se tornar número um?
Quais os principais obstáculos para a China executar essa estratégia?
Quais as chances de a China conseguir?
Se ela conseguir, quais serão as consequências para seus vizinhos na Ásia? E para os Estados Unidos?
O conflito entre a China e os Estados Unidos é inevitável? (ALLISON, 2020, p.24)

Graham Allison também alega que os americanos, de forma geral, se mostram bastante céticos a um cenário em que a China seria a grande potência mundial, apesar dos vários indicadores que mostram o contrário: “O deslocamento no equilíbrio mundial ocasionado pela China é tão grande

que o mundo precisará encontrar um novo equilíbrio. Não podemos fingir que se trata apenas de mais outro grande ator no palco mundial. A China é o maior ator geopolítico da história” (*ibidem*, p.26). Allison justifica tal constatação afirmando que se os Estados Unidos fossem uma empresa, teriam representado 50% do mercado econômico global nos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Em 1980, essa proporção declinara para 22%, e três décadas de um crescimento chinês de dois dígitos reduziu a parte americana aos 16% atuais. Nesse mesmo período, a parcela chinesa na economia global saltou de 2% em 1980 para 18% em 2016, e rumo célere para os 30% em 2040, e conclui:

Até onde sabemos, a questão determinante sobre a ordem mundial é se China e Estados Unidos podem escapar da Armadilha de Tucídides. A maioria das disputas que incidiram nesse padrão terminou mal. Nos últimos quinhentos anos, houve dezesseis casos em que uma grande potência em ascensão ameaçou superar uma potência dominante. Em doze, o resultado foi a guerra. Os quatro casos que conseguiram evitar esse resultado foram bem-sucedidos devido a ajustes imensos e dolorosos em atitudes e ações tanto por parte dos desafiantes como dos desafiados. (ALLISON, 2020, p.17)

Ainda apresentando contrapontos entre o atual crescimento chinês e a presente estagnação norte-americana, Allison afirma que o cidadão americano reclama do tempo gasto para reformar um prédio ou consertar uma rodovia, e suas autoridades costumam responder que “Roma não foi feita em um dia”. Mas entre 2011 e 2013, a China produziu e usou mais cimento do que fez os Estados Unidos em todo o século XX. Em 2011, por exemplo, uma construtora chinesa construiu um arranha-céu de trinta andares em apenas quinze dias. Três anos depois, outra empresa de construção ergueu um arranha-céu de 57 andares em dezenove dias. A China construiu o equivalente a todo o mercado residencial europeu em apenas quinze anos:

Hoje, a China faz em horas o que os Estados Unidos levam anos para concluir. Lembro disso diariamente quando observo a ponte sobre o rio Charles, entre minha sala na Harvard Kennedy School e a Harvard Business School. A obra que paralisa o trânsito já dura quatro anos. Em novembro de 2015, Pequim trocou a substancialmente maior, de 1.300 toneladas, ponte de Sanyuan, em 43 horas. (ALLISON, 2020, p.35)

A primeira edição do livro de Allison foi publicada no Brasil em 2020. Neste ano de 2024, a sonda chinesa Chang’e-6 pousou no lado oculto e inexplorado da lua⁷. A China está, literalmente, decolando.

⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv22kgnere8o#:~:text=A%20China%20n%C3%A3o%20planeja%20uma,de%20uma%20futura%20base%20lunar.>

A AMÉRICA DE CLEÃO

Segundo Tucídides, Péricles governou Atenas respeitando as normas democráticas de seu tempo, utilizando a persuasão ao invés da imposição (Th.2.65). Entende-se que isso foi possível porque ele conseguia perceber e utilizar certas condições adequadas à persuasão, entendendo-a como um instrumento de ação política (SANTOS, 2021). Por outro lado, os atenienses utilizavam métodos impositivos e violentos em sua política externa, ou seja, quando se tratava das outras cidades gregas subjugadas ou neutras (COHEN, 1984). É o que afirma Cleão, político ateniense que alcançou projeção depois da morte de Péricles, declarando que o sistema interno democrático era incompatível com o império ateniense:

Sois incapazes de ver que vosso império é uma tirania imposta a súditos que, por seu turno, conspiram contra vós e se submetem ao vosso comando contra a sua vontade, e vos obedecem não por causa de alguma generosidade vossa para com eles em detrimento de vossos interesses, mas por causa de vossa ascendência sobre eles, resultante de vossa força e não de sua boa vontade. (Th.3.37)

Na seção anterior, vimos como Graham Allison compara Estados Unidos e China. Esta última como a potência em ascensão que coloca em xeque o poder da potência estabelecida, no caso, os Estados Unidos. Nesse sentido, os Estados Unidos, na comparação, estariam assumindo o papel que no passado ocupou Esparta, a potência estabelecida, e a China estaria ocupando o papel que os atenienses ocuparam, como potência em ascensão. No entanto, se levarmos em conta o regime político desses dois países, a comparação mostra-se problemática, posto que Atenas tinha um regime interno democrático, e a China não; e os Estados Unidos são uma democracia, diferentemente de Esparta. Apesar desse impasse, à medida que a análise de Allison avança fica claro que os Estados Unidos estariam mais para uma Atenas decadente, rumo à desastrosa expedição na Sicília, do que para uma Esparta mais preocupada com questões regionais de sua proximidade. A potência decadente hoje foi também uma nação em vertiginosa ascensão no passado.

No capítulo “Imagine se a China fosse igual a nós”, Graham Allison toma a figura de Theodore Roosevelt como emblemática da ascensão americana, afirmando que “nem antes nem depois um presidente moldou tão fundamentalmente a percepção de um país sobre o seu papel no mundo” (ALLISON, 2020, p.117). Roosevelt insistia que a grandeza nacional repousava em dois imperativos: a missão de avançar no que ele considerava ser um mundo civilizado em âmbito doméstico e no exterior, e desenvolver os músculos para conseguir alcançar esse objetivo: um exército poderoso formado por homens que personificassem força, coragem e vontade de lutar. Ele mesmo havia aplicado tal doutrina em sua vida. Caubói em Dakota do Norte, com

experiência como comissário de polícia em Nova York, Roosevelt conquistou os colonos que, segundo Allison, suportaram o sacrifício e sobreviveram graças à resiliência, autoconfiança, conhecimento próprio e uma prontidão para empregar violência. Nas palavras de Theodore Roosevelt, citadas por Allison: “a principal característica da vida na fronteira era a guerra incessante entre colonos e os indígenas” (*ibidem*, p.117). Para o futuro presidente, um jovem estudioso, asmático, de classe alta e aluno de Harvard, os anos de “pós-graduação” nas *badlands* de Dakota foram formadores, pois ali:

[...] Ele se viu de frente com o perigo em uma luta darwiniana pela sobrevivência. Guerreou contra índios e foras da lei, foi baleado, ferido e quase morreu em inúmeras ocasiões – mas sobreviveu ferindo e matando outros. A seu ver, essa experiência serviu mais do que qualquer outra para fazer dele um homem. Também serviu para convencê-lo de que os incapazes ou relutantes em lutar por si mesmos seriam necessariamente dominados por outros. “Todas as grandes raças dominantes foram raças beligerantes”, declarou em seu primeiro discurso público como secretário-assistente [do presidente William McKinley]. “No minuto em que uma raça perde suas virtudes para o combate árduo”, advertiu, “então, não importa que outra coisa retenha, não importa sua habilidade no comércio e nas finanças, na ciência ou na arte, ela perdeu seu orgulhoso direito de se igualar ao melhor. Em uma raça, assim como em um indivíduo, a covardia é um pecado imperdoável”. (ALLISON, 2020, p.117)

Na década posterior à chegada de Theodore Roosevelt a Washington, os Estados Unidos declararam guerra à Espanha, expulsando-a da costa oeste e conquistando Porto Rico; ameaçaram entrar em guerra com Alemanha e Grã-Bretanha, a menos que as duas potências concordassem em aceitar seus termos nas disputas; apoiaram uma insurreição na Colômbia, da qual resultou a criação de um novo país, o Panamá (porque os Estados Unidos visavam construir um canal naquela região), além de se autoproclamarem a polícia do continente americano, intervindo sempre onde julgassem necessário. Nos sete anos de presidência de Theodore Roosevelt, houve nove intervenções norte-americanas no continente: “Toda expansão de uma grande potência civilizada representa uma vitória do direito, da ordem e da equidade”, dizia Roosevelt, e continua:

O século XX assoma gigante à nossa frente com o destino de muitas nações. Se cedermos à ociosidade, se buscarmos apenas o conforto excessivo, indolente, e a paz ignóbil, se nos encolhermos diante dos duros embates em que os homens devem triunfar, sob o risco de perder a própria vida e de entes queridos, então povos mais ousados e fortes nos ultrapassarão e conquistarão para si o domínio do mundo. (ALLISON, 2020, p.121)

Como se pode notar, as falas de Roosevelt estão mais próximas da caracterização que os coríntios fizeram dos atenienses do que dos espartanos:

[...] eles são ousados muito além de suas forças, aventureiros muito além de sua capacidade de reflexão, confiantes em face dos perigos; quanto a vós, fazeis menos do que vos garante a vossa força, desconfiais até daquilo que em vossa própria opinião é seguro, e quando os perigos se apresentam desesperais de livrar-vos deles. Além disso, eles são rápidos em suas decisões, enquanto contemporizais; gostam de aventurar-se em viagens, enquanto preferis ficar em casa (ausentando-se dos lares eles esperam ganhar mais, enquanto receais que, se tiverdes de sair em busca de algo, estareis pondo em perigo até o que já possuíis). Se vitoriosos sobre os inimigos, levam a sua vantagem até os limites extremos; se vencidos, recuam o mínimo possível. E mais: usam seus corpos a serviço da pátria como se fossem de outra pessoa, mas suas mentes como se só eles as tivessem, a ponto de tudo ousar por elas. (Th.1.70)

Graham Allison ainda declara que mesmo antes de ser presidente, Roosevelt estava determinado a promover a doutrina “de unhas e dentes” para se defender. “Todo verdadeiro patriota”, dizia, “deve ansiar pelo dia em que nenhuma potência europeia pisará em solo americano”. O solo americano, nesta frase de Theodore Roosevelt, não se refere apenas ao território norte-americano, mas a todo o continente. Quando, no final do século XIX, ainda antes de ser presidente, ele temia que os ingleses tomassem a Venezuela, Roosevelt escrevia ao senador Henry Cabot Lodge, dizendo que, se isso acontecesse, “nossa supremacia nas Américas estará liquidada”. O governo americano, que já possuía uma frota marítima poderosa para fazer frente aos ingleses, advertiu o governo britânico, nos seguintes termos: “Hoje os Estados Unidos são praticamente soberanos neste continente, e sua vontade é lei para os súditos, a quem define sua interposição” (ALLISON, 2020, p.124). Fala muito semelhante à de Cleão, citada no começo desta seção.

Sobre a soberania que os Estados Unidos procuravam exercer sobre o continente americano frente à ameaça Europeia, invocada numa doutrina proposta por James Monroe em 1823, Roosevelt comentou: “[...] não tem nada a ver com leis. É uma questão política [...] Argumentar que ela não pode ser admitida como um princípio de direito internacional é mero desperdício de saliva” (*ibidem*, p.125). Declaração também muito semelhante à que os atenienses deram aos líderes de Melos, dizendo: “[...] deveis saber tanto quanto nós que o justo, nas discussões entre os homens, só prevalece quando os interesses de ambos os lados são compatíveis, e que os fortes exercem o poder e os fracos se submetem” (Th.5.89).

No começo do século XX, e já em seu primeiro mandato de presidente, Roosevelt desconfiou que também a Alemanha pretendesse instalar uma base naval na Venezuela. Então ele aproveitou a ocasião para mandar um recado à Europa, advertindo Berlim de que os Estados Unidos seriam obrigados a intervir utilizando força se necessário caso a Alemanha não retirasse seus navios em dez dias, e acrescentou ao embaixador alemão Theodor von Holleben: “Diga ao imperador que não é seguro tentar blefar comigo, porque o pôquer é

um passatempo nacional americano e eu estou preparado para pagar para ver” (ALLISON, 2020, p.123-124).

Como já mencionado, entre os dezesseis casos históricos estudados por Graham Allison, nos quais uma potência em ascensão desafia o poder hegemônico de uma potência estabelecida, apenas quatro casos não terminaram em um grande conflito armado. Desses poucos casos encontram-se os Estados Unidos em ascensão contra a Inglaterra, a grande potência dominante no século XIX. Allison afirma que a guerra só foi evitada nesse caso específico porque a Inglaterra foi realista diante do difícil cenário em que se encontrava na época. Ela assumiu que falhou em não aproveitar a guerra civil americana para cindir o país em dois definitivamente, e que subestimou a corrida armamentista empreendida por Roosevelt até o ponto em que a poderosa marinha americana era uma realidade difícil de encarar. Como a Inglaterra estava sob uma ameaça de guerra contra a Alemanha no começo do século XX, ela tomou a difícil decisão de abandonar qualquer tentativa de intervenção militar no continente americano, assumindo a triste realidade de que os Estados Unidos exerceriam daquele momento em diante o papel que antes lhe pertencia. Aceitou, portanto, ser a segunda nação, procurando estreitar ainda mais os laços diplomáticos com os Estados Unidos, antes que esse país se tornasse a grande superpotência do globo. Por outro lado, os Estados Unidos, devido a uma rápida ascensão no cenário mundial graças a uma política externa intervencionista e violenta, tornaram-se a nação mais impopular na América Latina, para não dizer no mundo inteiro, pois também depois da Segunda Guerra mundial passaram a intervir em lugares ainda mais remotos, como no mar do sul da China. O presidente mexicano Porfírio Díaz sintetizou bem a repulsa generalizada à política imperialista americana, dizendo: “Pobre México! Tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos” (ALLISON, 2020, p.133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Porter (2011, p.471), em um mundo em que classicistas enfrentam enormes desafios de natureza muito prática, refletidos em matrículas cada vez menores em seus cursos, perspectivas de emprego incertas, financiamento e recursos escassos, cabe aos classicistas reavaliarem eles mesmos sua relevância, seu lugar no mundo e seu futuro. Ao longo deste artigo, procuramos analisar um exemplo específico de retomada de um texto clássico em pleno século XXI (século difícil para os classicistas, segundo Porter), empreendida por um funcionário do alto escalão da Casa Branca e que teve uma formação em língua e literatura grega, declarando expressamente em sua obra a importância desses estudos para a sociedade atual. Graham Allison, juntamente com Niall Ferguson, entregaram um “Manifesto da história aplicada” à Casa Branca,

propondo um Conselho de Assessores Históricos, análogo ao Conselho de Assessores Econômicos (ALLISON, 2020, p.255). A história aplicada é uma disciplina que tem crescido muito nos Estados Unidos e busca esclarecer crises e escolhas atuais valendo-se do estudo de precedentes e análogos históricos. Os historiadores tradicionais, afirma Allison:

[...]começam por um evento ou era, e tentam oferecer um relato do que acontece e por quê. Já o historiador aplicado começa pela atual escolha ou crise, e analisa o registro histórico para obter perspectiva, estimular a imaginação, encontrar pistas sobre o que provavelmente acontecerá, sugerir intervenções possíveis e avaliar prováveis consequências. Nesse sentido, a história aplicada não anda com as próprias pernas: ela depende da história tradicional da mesma forma que a engenharia depende da física, ou a medicina da bioquímica. (*ibidem*, p.254-255)

Pode-se observar ao longo de nossa análise que Graham Allison considera a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, como um relato histórico fidedigno, e tal abordagem é uma entre muitas outras formas de recepção desse texto clássico, no caso, tendendo para o que Martindale (2013) chamou de “objetivismo”. Embora Allison admita que o século XXI apresente problemas únicos (e seu livro assume que o tamanho, a velocidade e a escala da ascensão chinesa são de fato sem precedentes em importantes aspectos), o estudioso de Harvard também entende que os dezesseis estudos de caso do Dossiê Armadilha de Tucídides possuem analogias úteis.

Graham Allison, por fim, indaga se num futuro próximo os Estados Unidos estariam prontos para tomar a difícil decisão, assim como a Inglaterra no século passado, de aceitar o fato de que não são mais a grande superpotência mundial, e se contentar com um amargo segundo lugar no cenário mundial. Será que os Estados Unidos estariam dispostos a estreitarem seus laços diplomáticos com a China, cooperando para que as áreas de influência de cada um sejam respeitadas, ou os americanos se deixarão levar por algo semelhante à desastrosa expedição à Sicília empreendida pelos atenienses? Diante de tais questões Graham Allison responde: “observando as linhas de tendência, Tucídides provavelmente diria: apertem os cintos – nós ainda não vimos nada” (*ibidem*, p.133).

REFERÊNCIAS

- ALLISON, Graham. *A caminho da guerra: Estados Unidos e China conseguirão escapar da armadilha de Tucídides?* Tradução Cássio Arantes Leite. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- BAKOGIANNI, A. « O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras ». *Codex*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 114-131, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/3341>

- BERWANGER, Anna Regina & LEAL, João Eurípides Franklin. *Noções de paleografia e diplomática*. 3.ed. revista e ampliada. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.
- COHEN, David. Justice, Interest, and Political Deliberation in Thucydides. In: *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, New Series, Vol. 16, No. 1, p. 35-60, 1984.
- DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EKMAN, Paul. *A linguagem das emoções*. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Lua de Papel, 2011.
- EKMAN, Paul; SORENSON, E.; FRIESEN, W. Pan-cultural elements in facial displays of emotion. IN: *Science*. Apr. n.3875, v.164, p.86-88, 1969.
- FOSTER, Edith. *Thucydides, Pericles, and Periclean Imperialism*. Oxford University Press, 2010, p. 1-7, 80-118.
- HARDWICK, L. From Classical Tradition to Reception Studies. In: *Reception with Antiquity. Reception Studies. Greece & Rome*. New surveys in the Classics No. 33. Oxford: University Press, 1-31, 2003.
- LIDDELL HART, Basil Henry. *As grandes guerras da História*. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1982.
- LORENZ, Konrad. *A agressão: uma história natural do mal*. Trad. Maria Isabel Tamem. Santos: Martins Fontes, 1973.
- MARTINDALE, Charles. Reception – a new humanism? Receptivity, pedagogy, the transhistorical. *Classical Receptions Journal*, v. 5, n. 2, p. 169-183, 2013.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. “Le regole del gioco nello studio della storia antica”. *Sesto Contributo alla Storia degli Studi Classici e del Mondo Antico*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1980.
- ORWIN, Clifford. Justifying Empire: The Speech of the Athenians at Sparta and the Problem of Justice in Thucydides. *The Journal of Politics*, Vol. 48, No. 1 (Feb., 1986), p. 72-85.
- PIRES, F. M. A retórica do método (Tucídides I.22 e II.35), *Revista de História*, São Paulo, n. 138, p. 9-16, 1998.
- RAAFLAUB, K. A. *Ktema es aiei*. Thucydides’ concept of “learning through history” and its realization in his work. In: TSAKMAKIS, A. & TAMIOLAKI, M. (org.). *Thucydides between history and literature*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013, p. 3-21.
- RICOEUR, P. *Temps et Récit*. Paris: Seuil, 1985.
- SANTOS, Ricardo Neves dos. A ira funesta na tragédia grega Antígona de Sófocles. *CODEx - Revista De Estudos Clássicos*, 11(1), p.113-133, 2023. <https://doi.org/10.25187/codex.v11i1.59276>
- SANTOS, Ricardo Neves dos. Persuasão como instrumento de ação política na Atenas do século V a.C.: o caso de Péricles. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, [S. l.], n. 18, p. 139–157, 2021. DOI: 10.17648/rom.v0i18.35825. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/35825>. Acesso em: 3 junho. 2024.
- SILVA, G. J. da; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 40, nº 84, 2020 <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472020v40n84-03>
- SOARES, M. T. M. *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*. Porto: Fund. Eng. A. de Almeida, 2014.
- SOARES, M. T. M. *Ekphrasis e enargeia* na historiografia de Tucídides e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur. In: *Talia dixit*, Extremadura, v. 6, p. 1-23, 2011.
- TATUM, J. A real short introduction to Classical Reception Theory. *Arion*, Vol. 22. 2, pp. 75-96, 2014.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução e notas de Mario da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Recebido: 7/7/2024

Aceito: 15/7/2024

Publicado: 15/7/2024

Rev. est. class., Campinas, SP, v.24, p. 1-20, e024003, 2024